

Algumas questões teóricas envolvidas na aquisição das interrogativas Q-

Nilmara Soares Sikansi – UNICAMP

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- BAGBY JÚNIOR, Alberto. **Machado de Assis e seus Primeiros Romances**. 1993, 136p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL

Fone/FAX: (051) 320.35.23

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail edipucrs@music.pucrs.br

1 Introdução

Uma das principais tarefas proposta pela Teoria Lingüística é explicar como a criança chega à gramática do adulto. Vários pesquisadores apontaram para a rapidez com que a criança domina o sistema altamente complexo da linguagem humana – por volta dos 4 anos, as crianças produzem e compreendem a grande maioria das estruturas de sua língua. Essa rapidez na aquisição foi um dos principais fatores responsáveis pela postulação de uma faculdade inata da linguagem.

Um dos objetivos principais desses trabalhos é discutir como se dá o desenvolvimento lingüístico da criança, pois podemos identificar, basicamente, duas linhas opostas de análise dos dados, numa perspectiva gerativista. Existe a hipótese Continuista que postula que, desde o início, todos os princípios da Gramática Universal já estão disponíveis para a criança e a tarefa dela será a fixação dos valores paramétricos que estão em aberto. Já a hipótese da Descontinuidade ou Maturacional prevê que os estágios do desenvolvimento da linguagem são determinados por fatores maturacionais inatos. Ou seja, a criança nasce com um conjunto de princípios universais inatos e os respectivos valores paramétricos a eles associando, porém eles só se tornarão acessíveis para ela depois que maturarem.

A questão da aquisição das interrogativas Q- era, até pouco tempo atrás, um assunto muito pouco estudado na Linguística Gerativa. Porém por esse tipo de estrutura envolver uma série de fenômenos – tais como, licenciamento e identificação de sujeitos nulos, movimentos cíclicos, ordem dos constituintes na sentença, entre outros – que diferenciam várias línguas, ele passou a ser analisado mais detidamente. Um conjunto grande de trabalhos surgiu nos últimos tempos, mas, nesse texto, me limitarei apenas a abordar alguns artigos que discutiram a questão da aquisição das categorias funcionais,¹ principalmente CP, e de como seus autores se posicionam frente ao debate Continuísmo x Maturação.

2

A aquisição das interrogativas Q-: exemplos do inglês, francês, alemão e sueco

O primeiro texto a ser apresentado é o de Radford (1990). Este autor defende a idéia de que as categorias funcionais e os princípios universais maturam. Dessa forma é que, ao analisar a fala de crianças inglesas entre 18 e 24 meses, ele postula que suas produções equivalem às mini-orações dos adultos por não possuírem ainda os núcleos funcionais DP, IP e CP. Como um dos argumentos a favor de sua hipótese, ele usa dados de interrogativas Q- procurando mostrar que a criança ou omite o verbo auxiliar e o elemento Q-, seja na fala espontânea (ex. 1), seja na fala imitada (ex. 2), ou, imitando o adulto, retém o elemento Q- *in situ* (ex. 3). Esses exemplos de sentenças que não correspondem à fala do adulto significam, para Radford, que a criança ainda não possui uma representação estrutural com as categorias funcionais.

- (1) You got? (What have you got? Harriet 18)
- (2) Where does Daddy go? (adulto) Daddy go? (Daniel 23)
- (3) Adulto: What are they doing there?
Criança: Doing what there? (Claire 23)

¹ De maneira alguma esse texto se pretende exaustivo quanto ao tópico em questão. Devido a limitações de espaço, mesmo os textos aqui discutidos serão apresentados brevemente.

Além disso, para o autor, os exemplos de interrogativas onde o elemento Q- aparece claramente em posição deslocada (ex. 4) podem ser classificados como sentenças formulares, pois essas ocorrências são tratadas como um todo não analisado pela criança, haja visto que a cópula nem sempre concorda com o elemento Q- que ocorre em posição deslocada.

(4) What color is these? (Holly 24)

Sua conclusão, portanto, é de que não existem argumentos empíricos suficientes que demonstrem que a criança possui o sistema CP.

Rizzi (1992) procura estudar o sujeito nulo que aparece na fala de crianças cuja língua-alvo não admite tal omissão (ex. inglês e francês). O autor defende que esse tipo de sujeito-nulo não é o mesmo das línguas pro-drop, mas é uma opção genuína que ocorre em alguns contextos específicos da língua-alvo da criança (ex. diários). Essa categoria nula, por ele denominada constante nula, ocorre sempre na primeira posição da sentença e é identificada discursivamente. Sendo assim, esse sujeito nulo não pode ocorrer em interrogativas Q-, pois, nesse contexto, o Spec de CP está preenchido por um elemento Q-. A distribuição complementar observada entre interrogativas Q- e sujeitos-nulos, nessas línguas, é um dos principais argumentos de Rizzi para sua análise. Sua proposta é muito interessante e tem sido adotada por vários pesquisadores, pois parece explicar o tipo de sujeito-nulo que é encontrado na fala inicial das crianças de línguas como o inglês e o francês. No entanto, no que concerne ao debate Continuísmo x Maturação, parece-me que Rizzi não tem uma posição definida. Haja visto que, como é crucial para a sua argumentação que o núcleo CP não se projete nas construções com a constante nula (pois essa projeção inviabilizaria a identificação da categoria nula pelo discurso), numa certa passagem, ele diz que tal projeção *pode* ser omitida em alguns contextos. Tal colocação o aproxima da abordagem continuísta, pois ele faz questão de frisar que existem indícios de que tal projeção já está operativa logo no início do processo de aquisição de línguas V2. No entanto, mais adiante ele diz que tão logo o princípio que estabelece que a sentença-raiz é CP se torna operativo – provavelmente devido a maturação – as constantes nulas deixam de ocorrer. Ou seja, num momento ele parece se colocar numa perspectiva maturacional e em outro numa continuísta.

Já a posição de Crisma (1992) é bem clara. Essa autora desenvolve a proposta de Rizzi (1992) e estuda especificamente o caso da aquisição das interrogativas Q- no francês. Um dos seus objetivos principais ao analisar esse tipo de estrutura é verificar se a criança, já no início do processo de aquisição, possui ou não as categorias funcionais. Sua hipótese é de que, apesar do sistema funcional se encontrar disponível para a criança (Hipótese Continuísta), ela só projetará os nódulos necessários para representar a estrutura de cada sentença em separado.

Sua análise do corpora de crianças de 2;1 (dois anos e um mês) a 2;6 (dois anos e seis meses) apontou para um comportamento assimétrico entre as interrogativas Q-, por um lado, e as declarativas e as interrogativas sim/não por outro. Isso é, nas estruturas com elemento Q- é praticamente categórica a não ocorrência de sujeito-nulo. Em contrapartida, as interrogativas sim/não já apresentam esse tipo de categoria vazia e, com relação às declarativas, a incidência de sujeito-nulo aumenta mais ainda.

(5) Où il est le fil? (Phil 01)

(6) Est tombé sur la tasse. (Phil 07, apud Crisma 1992)

Para a autora, esse fato pode ser explicado se for adotada a hipótese de Rizzi (citada acima) de que, nessa fase da aquisição, o sujeito nulo que ocorre é uma constante nula. Crisma vai mais longe e diz que, por que essa categoria vazia não pode ocorrer quando o nódulo CP a c-comanda, a criança só o projetará quando ele vier a ser preenchido. Uma consequência direta dessa explicação é postular-se que a criança, desde o início do processo de aquisição da linguagem, já possui todas as categorias funcionais disponíveis.

Uma postura bem semelhante é a adotada por Penner (1993). Esse autor estuda a aquisição de interrogativas Q- em alguns dialetos do alemão. Um dos principais argumentos desse autor é que as crianças produzem interrogativas sem o elemento Q- porque elas não possuem toda a estrutura CP. Ele diz que essas sentenças só ocorrem com verbos copulares porque estes, por não possuírem traços-phi, podem carregar os traços Q-, evitando, assim, a necessidade de que um operador Q- verdadeiro apareça em Spec de CP. Penner defende que essas estruturas desaparecem com a aquisição de V2.

Crisma (1992) e Penner (1993) claramente se colocam dentro de uma perspectiva continuísta de aquisição da linguagem, mas, como será apresentado a seguir, talvez o mais adequado fosse di-

zer que esses autores se colocam dentro de uma perspectiva Continuísta Fraca.

Santelmann (1994) defende uma posição mais radical do que a proposta por Crisma e Penner acima. Para essa autora, as crianças além de ter acesso a todos os princípios da G.U. desde o início do processo de aquisição também possui a estrutura representacional completa e só não a realiza plenamente porque precisa ainda mapear os princípios universais de acordo com as estruturas específicas da sua língua. A própria autora se coloca dentro de uma perspectiva Continuísta Forte.

Santelmann analisa a aquisição das interrogativas Q- no sueco e diz que existem fortes indícios, tais como o fato de que o elemento interrogativo e o verbo aparecem antes do sujeito,² que indicam que criança utiliza a projeção CP já no início do processo de aquisição. Além disso, a autora analisa uma série de interrogativas que apresentam o elemento Q- ausente e dá uma explicação diferente da proposta por Penner (acima). Primeiramente, Santelmann aponta para o fato de que perguntas com e sem elemento Q- ocorrem lado a lado nos dados, além disso não se percebe nenhum tipo de restrição que afete o tipo de elemento Q- que pode ser omitido. Um outro ponto importante para a autora é o fato de que mesmo quando o elemento Q- está ausente, verifica-se a inversão Verbo-Sujeito. Sendo assim, Santelmann defende que as crianças possuem toda a representação estrutural já no início do processo de aquisição e só não a preenche totalmente porque precisa aprender os itens lexicais que ocorrem nessas posições e também saber como a sua língua, em específico, realiza as restrições impostas pela G.U.

3

A aquisição das interrogativas Q-: o caso do português brasileiro

Lopes-Rossi (1994) estuda a aquisição de estruturas interrogativas Q- no português brasileiro. A sua análise se aproxima muito da proposta por Santelmann acima, pois a autora adota a visão defendida por Kato (1994) segundo a qual o processo de aquisição da linguagem é um aprendizado lexical e que a criança, desde o

² Em sueco, segundo a autora, quando o verbo se encontra anteposto ao sujeito, ele está em C'.

início, já possui todo o esqueleto funcional. Ou seja, a criança terá que aprender como a sua língua preenche as posições disponíveis na árvore.

Lopes-Rossi analisa dados de compreensão e produção de interrogativas Q- para argumentar que, primeiramente, a criança precisa aprender como preencher o nóculo IP antes de saber lidar com o CP. Isto é, só quando a criança já está dominando os itens lexicais que podem aparecer em IP é que ela demonstra compreender as perguntas Q- dirigidas a ela. Após essa fase, se verifica claramente que a criança domina CP e está, a partir desse momento, aprendendo como preencher essa posição visto que ocorrem tanto erros quanto à seleção do item lexical (ex. 07) quanto de omissão do elemento Q- (ex. 08).

- (7) a. Que, o que, quem tilô... (Raquel 2;01.16)
b. O que ela sama? (Raquel 2;02.14)

- (8) Um quéssi aqui? (Raquel 1;11.12)

4

Conclusão

Como pode ser visto a partir dos textos apresentados brevemente acima, a questão de como se dá o processo de aquisição das interrogativas Q- está longe de ter uma resposta adequada. É necessário que uma quantidade maior de dados seja analisada, tanto numa mesma língua como em línguas diferentes, para que se possa ter uma idéia mais clara dos fenômenos envolvidos nessa construção em particular. Continua também em aberto o debate em torno de como se dá a aquisição da linguagem de um modo geral. A aquisição obedeceria regras mais gerais de maturação biológica ou seria um fenômeno tão somente lingüístico? Enfim, muitas são as questões que continuam sem resposta e grande é o campo de pesquisa que se mostra a nossa frente.

Referências bibliográficas

- CRISMA, P. On the acquisition of wh- questions in French". *GenGenP*, v. 0, n. 1-2, 1992.
- KATO, M. A. A Theory of null objects and the development of a Brazilian child grammar. In: TRACY, Rosemarie, LATTEY, Elsa (eds.) *How Tolerant is universal grammar?* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. Aquisição de interrogativas no português do Brasil – estudo de caso. 1994. (mimeo)
- PENNER, Z. Asking questions without CPs? On the acquisition of root wh-questions in Bernese Swiss German and Standard German. In: HOEKSTRA, Teun, SCHWARTZ, Bonnie D. (eds.) *Language acquisition studies in generative grammar*. John Benjamin Publishing, 1993. p. 177-212.
- RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammar of English*. Oxford, Basil Blackwell, 1990.
- RIZZI, L. Early null subjects & root null subjects. *GenGenP*, v. 0, n. 1-2, 1992.
- SANTELMANN, L. Early wh-questions: Evidence for CP from Child Swedish. 1994. (mimeo).